

---

## **LEIA NESTA EDIÇÃO**

1 - Momento de Reflexão; 2 - Produção mineira de mel tem expansão; 3 - Início da apicultura no Brasil; 4 - Apicultores iniciam entrega de mel vendido ao Governo Federal; 5 - UTFPR orienta desenvolvimento sustentável da Apicultura Familiar no município de Dois Vizinhos; 6 - Produção de mel pode ter quebra de até 70% em regiões do RS; 7 - Apicultura se prepara para alçar novos voos no estado; 8 - Sebrae realiza curso de Manejo de Colmeias em cidades da região sul do Piauí; 9 - Termo de cooperação fortalece ações de georeferenciamento na Bahia; 10 - Reunião na Câmara trata sobre a COOAPAMPA; 11 - Apicultura - Disposição das Colméias; 12 - Saúde das abelhas: documento da Comissão salienta a necessidade de mais ações na UE.

---

### **1 - Momento de Reflexão**

“O sol é para as flores o que os sorrisos são para a humanidade.” - Joseph Addison

---

### **2 - Produção mineira de mel tem expansão**

Crescimento chega a 300% no ano. Minas Gerais é hoje o sexto maior produtor de mel do país, com cerca de 5 mil toneladas anuais. A apicultura mineira registrou incremento de 300% na produção entre janeiro e novembro se comparado com o volume obtido em igual período do ano anterior. A expectativa é encerrar o atual exercício alcançando entre 5 mil e 7 mil toneladas de mel.

De acordo com a Federação Mineira de Apicultura (Femap), o crescimento expressivo se deve à retomada do setor que vem recuperando o volume produtivo e a renda que em 2009 foram fortemente afetados tanto pelas condições climáticas desfavoráveis como pelas condições de mercado. Se comparado com os resultados registrados em 2008, ano equivalente ao cenário atual, a expansão registrada em 2010 foi de 30%.

Minas Gerais é o sexto maior produtor de mel do país, com cerca de 5 mil toneladas anuais, o que representa 12% do mercado nacional. A apicultura gera no Brasil quase 100 mil empregos diretos, sendo que somente em Minas Gerais são 15 mil profissionais neste ramo. De acordo com o presidente da Femap, Máσιο Magalhães, o mercado para os produtos da apicultura é crescente principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Os preços do produto são rentáveis. O quilo do mel está avaliado entre R\$ 4 e R\$ 4,20 no atacado, sendo o quilo do produto orgânico comercializado a R\$ 4,50. Mesmo com o aumento da produção, as cotações do produto estão se mantendo estáveis devido à crescente demanda proveniente de outros estados que comercializam o mel com o mercado internacional. O crescimento da produção também é influenciado pela retomada dos negócios por produtores que ficaram desestimulados com os preços baixos do mel registrados há cerca de dois anos, quando o produto era comercializado a R\$ 2 por quilo.

"Há cerca de dois anos enfrentamos um embargo por parte do mercado internacional, que proibia a comercialização de mel, e com isso ficamos com excesso de produto no mercado. A queda de preços promoveu a saída de vários produtores de mel que, com a liberação das exportações, estão aos poucos retomando a atividade", disse Magalhães. Para Magalhães, um dos principais desafios

para o segmento em Minas Gerais e no país ao longo dos próximos anos é ampliar a demanda de mel no mercado interno. O consumo per capita brasileiro é de 200 gramas do produto ao ano, sendo que na Europa chega a 1,5 quilo por ano. A maior participação das empresas do setor em feiras, congressos e o maior investimento em publicidade e divulgação dos benefícios do produto para a saúde são as principais formas de alavancar a demanda no mercado.

Própolis - "Temos muito espaço para crescer internamente, por isso acreditamos que a campanha de nacional para ampliar o consumo será importantíssima. O mercado internacional também é promissor e a produção estadual ainda não é suficiente para atender à demanda, principalmente no caso para o própolis, que tem grande valor no mercado asiático", ressaltou.

De acordo com os dados da Cooperativa Nacional dos Apicultores (Conap), a demanda, principalmente por própolis, chega a ser três vezes maior que a oferta, dependendo da época do ano. O principal mercado consumidor do produto é a Ásia. A expectativa é triplicar a produção de própolis no Estado ao longo dos próximos três anos. Além da maior procura por própolis, os preços mais valorizados em relação ao mel poderão incentivar o aumento da produção em Minas. Enquanto o quilo do mel é vendido em torno de R\$ 4, o quilo de própolis é comercializado entre US\$ 50 e US\$ 90.

De acordo com Magalhães, Minas Gerais possui características que são favoráveis para a produção de própolis, sendo o produto mineiro já reconhecido no mercado asiático. "Devido à alta demanda e também ao reconhecimento internacional da qualidade superior do própolis mineiro, estamos investindo no processo de indicação geográfica do própolis verde, produzido em Minas Gerais.

O objetivo é agregar valor ao produto e ampliar a produção e os rendimentos dos apicultores", explicou. A produção de própolis em Minas Gerais é a maior do país, já que o Estado detém 70% da produção nacional. Enquanto o país produz 40 toneladas de própolis por ano, apenas o Estado responde por 28 toneladas ao ano. Os principais mercados consumidores do produto mineiro são a China e o Japão.

Fonte: OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras – Ramo Produção 02/12/2010 -

---

### **3 – Início da apicultura no Brasil**

Fábia de Mello Pereira e Maria Teresa do Rêgo Lopes - O investimento em pesquisas, tecnologias e capacitação auxiliaram na melhoria e profissionalização da atividade. A apicultura, criação racional das abelhas *Apis mellifera*, é uma atividade que propicia ganhos econômicos e contribui para a manutenção e preservação do meio ambiente.

Essa espécie de abelha é originária da Europa, Ásia e África e pode ser encontrada nas savanas, florestas tropicais, desertos, regiões litorâneas e montanhosas. A grande variedade de clima e vegetação do habitat original da espécie contribuiu para a evolução de diversas subespécies ou raças de abelhas *A. mellifera*, com diferentes características e adaptadas a diversas condições ambientais.

No Brasil, as primeiras colônias de *A. mellifera* foram introduzidas a partir de 1840, oriundas da Espanha, Portugal, Alemanha e Itália.

As primeiras subespécies criadas no País foram: *A. mellifera mellifera* (abelha preta ou alemã), *A. mellifera carnica*, *A. mellifera caucasica* e *A. mellifera ligustica* (abelhas italianas). Naquele tempo, a apicultura era uma atividade rústica e o objetivo principal da maioria dos produtores era atender às

próprias necessidades de consumo.

Até 1950, a apicultura brasileira sofreu grandes perdas em função do surgimento de doenças e pragas. Estima-se que 80% das colônias tenham sido dizimadas, gerando queda drástica na produção. Com o objetivo de aumentar a resistência às doenças das abelhas no País, em 1956 o professor Warwick Estevam Kerr, com apoio do Ministério da Agricultura, dirigiu-se à África para selecionar colônias de abelhas africanas *A. mellifera scutellata* que fossem produtivas e resistentes a doenças. As rainhas foram introduzidas no apiário experimental de Rio Claro, Brasil, para serem testadas e comparadas com as abelhas italianas e pretas. Entretanto, um incidente contribuiu para que 26 colônias de abelhas africanas enxameassem 45 dias após a introdução.

As abelhas africanas encontraram no Brasil condições de clima e vegetação excelentes para se propagarem e cruzarem com as abelhas européias, que haviam sido introduzidas anteriormente. Assim, a liberação dessas abelhas muito produtivas, porém muito agressivas, criou um novo híbrido, as abelhas africanizadas. A agressividade na competição por alimento, grande capacidade de enxameação e a facilidade de adaptação a diversos climas e ambientes, possibilitaram a expansão da abelha africanizada por todo o Brasil e diversos países do continente americano. Pesquisas realizadas por professores da USP indicam que a velocidade de dispersão desse inseto é de 320 Km/ano.

O comportamento defensivo, entretanto, gerou dificuldades para o Brasil. Os problemas ocasionados pelos ataques das abelhas seguidos de mortes de pessoas e animais chegaram aos noticiários internacionais. As "abelhas assassinas" ou "abelhas brasileiras", como ficaram conhecidas, geraram verdadeiro pavor por todo o mundo e passaram a ser tratadas como praga. Diversos países do continente Americano tentaram, inutilmente, criar barreiras que impedissem o avanço das abelhas africanizadas.

Apesar desses problemas iniciais, as abelhas africanizadas forçaram a modernização da apicultura no Brasil. O investimento em pesquisas, criação e adaptação de tecnologias e capacitação auxiliaram na melhoria e profissionalização da atividade.

O Brasil é atualmente exportador de mel, cera e própolis e a maior resistência das abelhas africanizadas às pragas e doenças permite que a atividade seja conduzida sem aplicação de medicamentos, facilitando a produção de mel orgânico. Embora a africanização das abelhas ainda encontre alguma resistência por parte de apicultores, não há como negar os benefícios que o incidente ocorrido há pouco mais de 50 anos trouxe para a atividade apícola brasileira.

Fonte: Portal Dia de Campo - Agrotemas - 02/12/2010 -

---

#### **4 - Apicultores iniciam entrega de mel vendido ao Governo Federal**

A Associação Setentrional dos Apicultores de Roraima (ASA), inicia nesta quinta-feira (2), a entrega de 16,5 toneladas de mel que foram vendidos ao Governo Federal por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O mel é proveniente de sítios e fazendas de 86 apicultores associados a ASA que produzem no entorno do município de Boa Vista. O produto será entregue em duas remessas. A primeira que iniciará nesta quinta-feira vai atender a quase trinta escolas da rede municipal de ensino de Boa Vista.

Os apicultores venderam o produto ao valor de R\$ 6 o quilo do mel. Somente nesta primeira fase eles terão um lucro de R\$ 99 mil para dividir entre os 43 primeiros produtores. A segunda remessa

deverá começar no prazo de 15 dias e irá atender ao Serviço Social do Comércio (SESC), que vai receber o produtor por meio da Conab. Nesta segunda entrega os apicultores vão entregar também 16,5 toneladas de mel a entidade.

“Eu atribuo esta colheita recorde de mel a parceria que foi feita no sentido de ajudar aos apicultores. Quem ganha com isso é o Estado que vê a apicultura crescer a passos largos. Vamos passar o fim do ano com dinheiro no bolso”, destacou Pedro de Freitas, Presidente da ASA. De acordo com dados da associação, os apicultores de Roraima comemoram este ano a maior produção de mel de todos no Estado. Os dados da Associação Setentrional dos Apicultores de Roraima apontam que o aumento na produção de mel será em torno 70% em relação a anos anteriores.

A previsão é colher em torno de 180 toneladas de mel somente dos apicultores associados à entidade. Para se ter uma ideia em 2009 foram colhidas apenas 110 toneladas. O aumento vertiginoso se deu devido a uma parceria entre o governo do estado, a empresa FIT Manejo Florestal e os apicultores.

O primeiro passo foi a criação de uma ração apícola para salvar as abelhas da forte estiagem de 2010, que aliada às queimadas registradas na maioria dos municípios de Roraima contribuíram para diminuir o alimento das abelhas na flora do Estado. Com a seca as flores que geram o pólen, alimento preferido das abelhas foram extintas. Sem alimento os insetos pararam de procriar.

Um enxame com 60 mil abelhas poderia ser reduzido a zero, mas os técnicos da Secretaria de Estado da Agricultura Pecuária e Abastecimento (SEAPA), agiram rápido e desenvolveram uma ração apícola que serviu de alimentos as colméias em substituição aos nutrientes que elas encontram na natureza. A ração que foi produzida a partir do composto de farelo de soja tostado, milho e cuim de arroz, todos em partes iguais. Foram produzidas mais de duas toneladas de ração como experimento.

Outra ajuda do governo foi aquisição de três mil melgueiras para atender aos apicultores de todo o estado. As melgueiras para colocar em cima da caixa ninho onde as abelhas formam a produção de mel. Segundo Pedro de Freitas, presidente da ASA, a produção foi tão grande que de uma única colheita em uma caixa de mel estão sendo colhidos trinta quilos. “Agora com a compra do mel pela Conab produzimos com a certeza que vamos ter a quem vender. A renda melhorou significativamente as condições de vida dos apicultores”, concluiu Pedro.

Fonte: Jornal Folha BV - Boa Vista/RR - Últimas Notícias - 01/12/2010 -

---

## **5 - UTFPR orienta desenvolvimento sustentável da Apicultura Familiar no município de Dois Vizinhos**

Ocorreu no dia 20 de novembro o último encontro da Associação de Apicultores do Município de Dois Vizinhos do ano de 2010, o qual contou com a supervisão da Profª. Dra. Emilyn Midori Maeda, da UTFPR Campus Dois Vizinhos. Os apicultores geralmente se reúnem no primeiro sábado de cada mês para conversar sobre assuntos de interesse de todos, mas essa reunião em especial aconteceu para produção de cera alveolada. Nos encontros os produtores abordam temas sobre manejo, cursos e notícias relacionados à área, com apoio da Prefeitura Municipal.

O projeto desenvolvido pela Profª. Dra. Emilyn sobre “Desenvolvimento sustentável da apicultura familiar no Município de Dois Vizinhos” recebeu aprovação pelo PROREC (Pró-Reitoria de Relações Empresariais e Comunitárias) em agosto, e desde então os apicultores recebem

acompanhamento técnico, como manejo de abelhas para produção de mel, coleta de amostras do mel, visando sempre obter melhorias no rendimento e na qualidade da produção melífera. Também participam do projeto professores e acadêmicos do curso de zootecnia da UTFPR Campus Dois Vizinhos.

Fonte: UTFPR - Portal Dois Vizinhos - Notícias - 01/12/2010

---

## **6 - Produção de mel pode ter quebra de até 70% em regiões do RS**

Frio fora de época e previsão de estiagem são as principais causas da redução. A produção de mel pode ter quebra de até 70% nesta safra em algumas regiões do Rio Grande do Sul. O frio fora de época e a previsão de estiagem durante o verão são as principais causas desta redução. Mas um outro fator preocupa os apicultores: o uso de agrotóxicos pode eliminar enxames.

Os apicultores Neusa e Dílson Carvalho de Souza ficaram decepcionados quando abriram as 24 caixas para fazer a primeira coleta de mel desta primavera. As colmeias de Eldorado do Sul, na região metropolitana de Porto Alegre, não tinham produzido nada. O casal sabe que as ondas de frio fora de época são prejudiciais, mas não esperava uma perda tão grande. – Um total descontrole, era calor de 30°C e frio de 10°C. No inverno a gente fecha as caixas e não pode abrir. Aí elas ficaram no calor. Recém que abrimos para melhorar a situação – explica a produtora. São pelo menos 70 quilos de prejuízo. É a primeira vez que isso acontece desde que começaram na atividade, há seis anos.

Nós já chegamos a tirar 200 quilos. Desta vez não vamos tirar nem 100, nem 50. Não deu mesmo – lamenta ele. Em todo o Rio Grande do Sul já são registradas perdas nesta safra de mel. O presidente da Associação Gaúcha de Apicultores, Nelson José Vuaden, acredita que os prejuízos passem de 30% só na região de Porto Alegre. No Vale do Rio Pardo, alguns produtores relatam uma quebra de até 70%.

As abelhas estão com o ciclo atrasado. Numa região, num raio de 80 quilômetros de Porto Alegre, já tem confirmada uma quebra de safra que não está tendo colheita. Temos uma perspectiva de, no campo, onde a florada está mais atrasada, recuperarmos alguma coisa. Mas vamos esperar para fim de dezembro porque ninguém colheu ainda em quantidades. Muito pouco que foi colhido no Estado.

Segundo os especialistas, o tempo é o principal responsável pela redução na produtividade das colmeias. As ondas de frio entre setembro e novembro dificultaram o desenvolvimento das crias num momento em que as abelhas precisam de calor, e provocaram a morte de muitos enxames. Além disso, os dias de chuva e vento na primavera prejudicaram a florada e impediram o trabalho das operárias no campo. Agora a previsão de estiagem agrava a situação.

– As plantas não têm aquele crescimento normal e, na carência de água, elas não emitem as floradas normais, com bom potencial de nectar e pólen. Pior se for no outono, pois boa parte da produção vem dos bosques de eucalipto. Será realmente preocupante se vier esta estiagem – alerta o professor de agronomia da UFRGS, Aroni Sattler.

O professor lembra que há outros fatores que estão reduzindo os enxames. Quando as colmeias ficam em áreas próximas a lavouras de plantio direto, o uso de inseticidas e desseccantes pode prejudicar a atividade apícola, pois elimina abelhas e reduzem a vegetação nativa e diversificada que proporcionam boas quantidades de nutrientes. Acho que falta parceria mais efetiva entre o produtor de grãos e o apicultor. O apicultor, porque precisa dos cultivos para produzir mel e pólen.

E o produtor, porque precisa de abelhas para fazer a polenização cruzada. Se houvesse esta parceira, a gente resolveria 70% a 80% dos problemas.

Fonte: Rural Centro - Notícias - 01/12/2010 - Fonte: Canal Rural

---

## **7 - Apicultura se prepara para alçar novos voos no estado**

Até meados da década de 90, homens se enveredando pelo mato com vasilhames nas costas e facas nas mãos eram personagens comuns de se ver em áreas que registravam presença mais forte de abelhas, no Rio Grande do Norte. Os caçadores de mel, ou meleiros, como ficaram conhecidos, estavam em busca de enxames, de onde pudessem retirar o produto e, com a venda dele, uma fonte de renda extra. Hoje, quase duas décadas depois, a atividade continua, mas o sistema de trabalho em nada lembra o dos caçadores.

“Nossa história agora é outra”, diz Antônia Marinho dos Santos, 38, trabalhadora rural que junto a milhares de outros homens e mulheres ajudou a mudar a cenário e fez nascer no estado a apicultura, atividade de criação de abelhas por processos racionais que fez avançar em mais de 2.000% a produção de mel nos últimos 10 anos e, cada vez mais organizada e profissional, planeja ampliar a presença em mercados não só dentro, mas fora do Brasil.

Os pequenos produtores, que hoje vendem a produção a grandes empresas exportadoras, querem passar a vender o mel de forma direta, com primeira parada na Europa. A expectativa é inciar os embarques no primeiro semestre de 2011. A comercialização indireta ao consumidor final no exterior é uma das dificuldades enfrentadas por eles hoje. “Quem negocia o mel da agricultura familiar, dos apicultores da agricultura familiar, são as grandes empresas. O apicultor não vai ter um preço justo para a produção porque não consegue vender ao consumidor diretamente”, diz o presidente da Federação de Apicultura do Rio Grande do Norte, José Hélio Moraes da Costa, mais conhecido como Cabo Hélio.

Os esforços para reverter a situação, de acordo com ele, já começaram em várias frentes. O trabalho inclui desde capacitação e sensibilização dos produtores, para que cada vez mais atuem de forma coletiva e organizada ganhar força, até a adequação das casas de mel e dos entrepostos às exigências do Ministério da Agricultura. Nesse trabalho, os pequenos produtores têm contado com a ajuda de diversos parceiros. O Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), por exemplo, têm ajudado a implantar boas práticas de produção e fornecido orientação para que obtenham certificações indispensáveis para a venda da produção no mercado formal.

**ADEQUAÇÃO** - Entre outras etapas que os apicultores precisam cumprir nessa direção está a obtenção do SIF, o Serviço de Inspeção Federal, que é um sistema de controle do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil que avalia a qualidade na produção de alimentos de origem animal comestíveis ou não comestíveis. Os produtos aprovados recebem um selo de aprovação desses erviço, indispensável à comercialização dos produtos. “Nosso desafio é ter esse selo e também o selo do comércio justo e solidário, que vai permitir que vendamos nossa produção no exterior. A intenção é começar a exportar para a Itália”, diz Cabo Hélio, que tem atuado diretamente no processo de adequação da atividade.

“Temos grupos de apicultores organizados, negociamos a forma de venda, o valor de venda juntos, mas a maior dificuldade é a questão do SIF. Com esse selo teremos n mercados”, acrescenta o apicultor Edson Moreno, ex-meleiro e atual presidente a Coapismel, Cooperativa que está sendo

formada pelos apicultores de Serra do Mel, o município com o segundo maior volume de produção em território potiguar.

Adequar a atividade à lei é um desafio - Um estudo do Sebrae realizado em 2002 sobre a cadeia produtiva do mel no Rio Grande do Norte mostra que a apicultura teve início como atividade profissional no estado na década de 80. Mas, de acordo com Gunthinéia Alves de Lira, professora e pesquisadora da unidade especializada em ciências agrárias da UFRN, a atividade só despontou com força em 2004 e, a partir de 2005, começou a colocar o estado no meio dos exportadores do país.

“Os produtores vendiam a produção para uma empresa em Mossoró que exportava. Depois, passou a vender para outra empresa que começou a operar em 2008”, diz. Nos últimos dois anos, os esforços têm sido empreendidos no sentido de adequar a produção às exigências do Ministério da Agricultura. “Estamos fazendo a adequação dos entrepostos e das casas de mel baseados na legislação”, diz a pesquisadora, que coordena a implantação do programa de boas práticas no estado. “Esse é um desafio”, frisa.

As casas de mel são unidades de extração do mel. O produto chega do campo até elas nas chamadas melgueiras, quadros com favos de mel de onde será extraído e passará por processos como centrifugação, decantação e envase. Em todo o estado, há cerca de 250 unidades construídas com esse propósito. Mas nenhuma certificada.

“Até 2008 as casas eram implantadas sem nenhum projeto técnico específico. Agora elas precisam obedecer a determinados critérios que indiquem que têm infraestrutura para a manipulação dos alimentos sem representar riscos para quem consome”, explica Gunthinéia. Os entrepostos, unidades para onde o mel é enviado após sair dessas casas e onde passa por um processo de beneficiamento que inclui a homogeneização e uma nova etapa de envase, também estão em busca de certificação.

O Sebrae começou a encampar, com outros parceiros, um programa de alimentos seguros nas unidades certificadas. Há 12, no total, no estado. “A intenção é conscientizar os da importância de se trabalhar com alimentos que não representem risco à saúde do consumidor. E esse trabalho já tem trazido bons resultados”, diz.

Em Serra do mel, uma casa de mel da Associação dos Apicultores está sendo transformada em, entreposto e é de lá que os produtores esperam que saia o primeiro carregamento da agricultura familiar direto para a Europa. A obra está sendo realizada há seis meses e a ideia é em 22 de maio, dia do apicultor, fazer a primeira exportação. “Esse é o nosso sonho”, diz Cabo Hélio, presidente da Federação do setor. “Acreditamos que exportando diretamente a renda dos apicultores poderá pelo menos dobrar”, calcula ainda.

Queda da produção em 70% - De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a produção de mel do Rio Grande do Norte chegou a 1,1 milhão de quilos no ano passado. A Federação dos Apicultores estima que haverá uma queda de 70% no volume este ano, em função da seca que reduziu a produção agrícola e a florada necessária para que as abelhas possam produzir. Apesar da quebra, em média 70% do total produzido deverá ter como destino, como ocorre tradicionalmente, a exportação.

Essa produção é comprada em grande parte pela Afical, agroindústria que beneficia e exporta 100% do mel que compra dos produtores. Mas não é só a produção potiguar que a empresa compra.

“Recebemos mel de todos os estados do Nordeste”, diz o zootecnista e gerente de produção, Walter Moraes de Oliveira Melo. A produção do Rio Grande do Norte representa apenas 15% da capacidade instalada da indústria, que é projetada para processar 7 mil toneladas de mel por ano.

Na prática, a agroindústria recebe o mel, classifica, analisa, e beneficia o produto, o que inclui seleção da matéria-prima, homogeneização, filtração, decantação e envase. O objetivo do processo é retirar possíveis impurezas e adequar o produto às exigências dos importadores. Nesse processo, o mel não recebe qualquer tipo de aditivo, diz o gerente de produção. Ele acrescenta que após passar por todas essas etapas o produto segue dentro de tambores de 280Kg para a área de expedição, de onde sairá em caminhões em direção ao porto de Suape, em Pernambuco, onde será feito o embarque para o mercado norte-americano.

A Afical tem capacidade para processar 571 toneladas de mel por mês, mas opera apenas com 30% dessa capacidade porque não há matéria-prima suficiente à disposição, calcula o diretor administrativo e sócio da companhia, Armando de Medeiros Brito. “O Rio Grande do Norte tem um grande potencial, mas precisa desenvolvê-lo mais”, observa, acrescentando que o ideal seria que a produção do estado fosse suficiente para atender a demanda da indústria. Além de redução de custos, porque eliminaria ou reduziria a necessidade de comprar de outros estados, isso ajudaria a criar mais empregos na cadeia produtiva. “A atividade está se expandindo, mas ainda precisa se organizar mais”.

Avanço da produção está ligado à abelha africanizada - A expansão da apicultura no Rio Grande do Norte tem sido influenciada por uma série de fatores, que vão desde capacitação dos apicultores, oferta de crédito e desenvolvimento de pesquisas para aumentar a produtividade e melhorar, por exemplo, a qualidade da produção do setor. O avanço da produção também está diretamente ligado à chegada da abelha africanizada no país, fruto de cruzamento entre abelhas africanas e europeias. Os animais frutos desse cruzamento ficaram mais resistentes a doenças e atingiram índices mais elevados de produtividade. Mas essa não é a única espécie com adesão no estado.

Mais de 6 mil apicultores capacitados - O trabalho de transformação de agricultores e também de meleiros em criadores de abelha começou no Rio Grande do Norte em 2002. Do início da oferta de capacitação até hoje, só o Sebrae “formou” mais de 6 mil homens e mulheres no estado. “Os apicultores começam a acreditar na atividade depois de terem sido treinados.

Isso é um diferencial porque faz com que produzam um mel de qualidade melhor do que a maioria dos estados do Brasil”, observa Jerbson Mendonça, pesquisador e professor de apicultura do curso de Zootecnia da Escola Agrícola de Jundiá/UFRN. A oferta de crédito também ajudou a formatar a atividade. Dados fornecidos pelo Sebrae apontam que as primeiras linhas de financiamento foram abertas pelo Banco do Nordeste no final da década de 90. No ano 2000, teriam sido realizadas 36 operações. O número se expandiu rapidamente nos anos seguintes.

Entre 2005 e 2010, 1.888 operações de financiamento para apicultura foram realizadas pelo banco, no valor total de R\$ 15.428.833,67. “Isso reflete o crescimento que a atividade vem tendo nos últimos anos”, diz o superintendente da instituição financeira no estado, José Maria Vilar, acrescentando que o banco também tem incentivado a atividade por meio do apoio a eventos e a pesquisas.

No campo dos financiamentos, um dos beneficiados foi Izael Batista da Silva, 43, que nasceu na Paraíba, mas mora desde os anos em Serra do Mel. “Pedi dinheiro emprestado para começar na atividade. Foram três empréstimos ao todo para comprar colmeias, macacão, botas e poder me

estruturar”, conta. Izael é também um dos apicultores que foram treinados pelo Sebrae.

Cabo Hélio, Antônia, Edson - marido dela, Pedro José Alves e Vilma Félix da Costa - mulher de Cabo Hélio - também fazem parte do grupo. As mulheres, aliás, montaram o grupo e tem produzido bolinhos e cosméticos usando o mel como matéria-prima. No mercado interno, a produção do produto como alimento é comercializada em grande parte em programas governamentais, que inserem o mel, por exemplo, na merenda escolar. Pouco da produção é vendida hoje aos atravessadores.

BATE-PAPO - Valdemar Belchior - Gestor de apicultura do Sebrae - “Conseguimos transformá-los em apicultores”. Como o Sebrae tem desenvolvido o trabalho de capacitação dos apicultores ? Nosso trabalho começou em 2002. Como identificamos que muitos dos que poderiam atuar na atividade eram analfabetos ou semianalfabetos, desenvolvemos uma metodologia de 60 horas para que aprendessem fazendo, na prática, e não na sala de aula. Isso fez uma grande diferença. Partir daí começamos a atuar em várias frentes.

Começamos cursos de boas práticas apícolas, tentando trabalhar a parte de qualidade, temos trabalhado a parte de capacitação rural, para dar uma ideia a eles de gestão do negócio, temos trabalhado um programa voltado para que estejam sempre preocupados com a limpeza e a organização do local em que trabalham. Trabalhamos também a parte de mercado. Temos procurado levá-los a feiras, trabalhado também a parte de rotulagem dos produtos. Tem sido feito todo um trabalho para que eles cheguem lá na ponta com um lucro bem melhor. Antes, o atravessador levava tudo.

Qual foi o perfil de produtores que vocês encontraram no início ? - Cerca de 98% das pessoas que fizeram esse trabalho eram agricultores que não conheciam da atividade, que começaram a trabalhar e estão produzindo. Não havia apicultores. Havia também no grupo alguns meleiros, que retiravam mel no meio do mato, de qualquer jeito. Conseguimos transformá-los em apicultores.

Houve dificuldades para desenvolver o trabalho ? - Uma dificuldade foi convencê-los de que essa é uma atividade lucrativa. Outra foi que o pessoal passou muito tempo achando que as abelhas africanizadas eram assassinas. Mas porque não conheciam o manejo dela, não sabiam como trabalhar com ela. Hoje, eles sabem que temos uma das melhores abelhas do mundo e que, além de produtiva, ela é resistente a doenças.

Agora, quais são os principais desafios da atividade ? - Há alguns desafio. Um deles é a diversificação. Além do mel, temos outros subprodutos da abelha que são bem rentáveis mas que não estamos trabalhando ou que trabalhamos pouco. Tem o pólen, a própolis, que é antibiótico natural, tem a geleia real e a apitoxina, que é o veneno da abelha, usado como medicamento. São subprodutos que se trabalhar com o apicultor vai ter geração de renda melhor.

Fonte: Tribuna do Norte - RN - Natal/RN - Economia - 05/12/2010 -

---

## **8 - Sebrae realiza curso de Manejo de Colmeias em cidades da região sul do Piauí**

O Sebrae no Piauí promove este mês curso de Manejo de Colmeias em três cidades da região sul do Piauí. Os treinamentos são uma iniciativa do Projeto Apis Araripe, executado pela instituição na região de Picos. Neste sábado, dia 4, e domingo, dia 5, o curso ocorre em Queimada Nova, na Comunidade Vereda Grande. Nos dias 8 e 9, o treinamento será realizado na Comunidade Lagoa das Pedras, no município de Patos do Piauí. Em Vera Mendes, o curso será ministrado nos dias 11 e

12 de dezembro.

Durante o treinamento, a instrutora do Sebrae no Piauí Claudécia Leite abordará temas como: inspeção da colméia, revisões, união e divisão de enxames, alimentação suplementar, prevenção contra inimigos naturais, substituição de favos, controle de pilhagem, controle de enxameação, pragas e doenças, transporte de abelhas, introdução das rainhas, calendário de atividades apícolas e calendário de pasto apícola.

– Esse é um curso que propiciará aos participantes conhecer as técnicas e ferramentas para o manejo de colméias, orientando os apicultores a produzir sempre mais e melhor – comenta a gestora do Projeto Apis Araripe do Sebrae no Piauí, Mercês Dias.

Maiores informações no Escritório do Sebrae em Picos, localizado na Rua Marcos Parente, S/N, Centro, ou através do telefone (89) 3522-3164.

Fonte: Canal Rural - Porto Alegre/RS - Notícias - 04/12/2010 -

---

## **9 - Termo de cooperação fortalece ações de georeferenciamento na Bahia**

O Programa Nacional de Georeferenciamento e Cadastro de Apicultores (PNGEO) deu um passo importante. Durante a apresentação dos Planos Territoriais de Desenvolvimento Sustentável, nesta sexta-feira, 3, o secretário da agricultura, engenheiro agrônomo Eduardo Salles, juntamente com o diretor de Inspeção da ADAB, Paulo Emílio Torres, o diretor de Pecuária da EBDA, Elionado Teles, e o coordenador do Programa Nacional de Georeferenciamento e Rastreabilidade da Apicultura, Ricardo Lustosa, assinaram um termo de cooperação para fortalecer as ações georeferenciamento na Bahia.

De acordo com o secretário Eduardo Salles, que recebeu durante o evento a publicação impressa dos Planos Territoriais de Desenvolvimento Sustentável, o georeferenciamento facilita o controle do serviço de assistência técnica nas comunidades da agricultura familiar.

“De posse do banco de dados podemos saber o máximo de informações sobre cada uma das famílias de agricultores. O que produzem, as necessidades, a quantidade colhida e assim por diante”, disse.

“Através do georeferenciamento, podemos definir prioridades das cadeias produtivas, a capacidade de produção de cada propriedade. Esse sistema fortalece a dinâmica produtiva do Estado” assinalou Elionado Teles. Conforme Paulo Emílio Torres, o georeferenciamento vai permitir maior integração dos órgãos vinculados à Seagri. “Vai nos ajudar muito durante as ações de sanidade”, considerou.

O Programa Nacional de Georeferenciamento e Cadastro de Apicultores (PNGEO) foi criado em 2007, sob a gestão da Confederação Brasileira de Apicultura – CBA, e direcionado como Política Pública Apícola Nacional pela Câmara Setorial do Mel e Produtos Apícolas do Brasil, com o objetivo principal de promover o georeferenciamento, a rastreabilidade e a modernização da produção apícola no Brasil, através de ações de mapeamento, diagnóstico, capacitação e regulamentação das atividades em todos os elos da cadeia, alinhando a apicultura e a meliponicultura com as tendências mundiais do mercado de alimentos.

O programa se expandiu e hoje está passando a ser utilizado por outras cadeias produtivas. “O georeferenciamento e a rastreabilidade são assuntos imperativos para todos que querem se estabelecer de forma consistente e competitiva no mercado”, afirmou o veterinário e coordenador do Programa Nacional de Georeferenciamento da Apicultura, Ricardo Lustosa Brito.

Segundo Lustosa, a CBA tem procurado estabelecer uma agenda estratégica para esse tema, desenvolvendo parcerias que tornarão possível a consolidação de um avançado sistema de produção apícola no Brasil. “O objetivo é promover a modernização da produção apícola por meio de ações de mapeamento, diagnóstico, capacitação e regulamentação das atividades em todos os elos da cadeia”, completou.

Fonte: Bahia Press - Home - 04/12/2010 -

---

## **10 - Reunião na Câmara trata sobre a COOAPAMPA**

Prefeitura Municipal de São Gabriel - São Gabriel - No próximo dia 11, às 10h, a COOAPAMPA, com a presença do Presidente Gerson Ferstensfeifer e do Diretor Comercial Aldo Machado estará realizando Assembléia Geral de Cooperados, no auditório da Câmara Municipal de Vereadores de São Gabriel, para tratar de diversos assuntos, tais como leitura e apreciação da ata da assembléia anterior; situação dos cooperados; situação financeira da Cooperativa; Plano de Ação do exercício administrativo; Plano de construção do Entrepasto de Mel; Captação de recursos ao projeto do Entrepasto, dentre outros.

A produção apícola do Rio Grande do Sul é a maior de todo o país, sendo responsável por mais de 7,8 mil toneladas ao ano. A maior parte desta produção se localiza justamente na mesorregião do Pampa Gaúcho, formada pelas microrregiões da Fronteira Oeste e Campanha Central.

São Gabriel desempenha um papel estratégico de liderança no setor, tanto pela qualidade do mel local quanto pelo protagonismo empreendedor dos apicultores locais, que lideraram o processo de criação da Cooperativa Apícola do Pampa Gaúcho (COOAPAMPA). A cooperativa foi criada com o propósito de organizar os apicultores da região para as excelentes perspectivas do mercado da apicultura no âmbito regional, nacional e de exportação.

A Coopampa tem potencial para representar em torno de 16 mil produtores da região, cada qual com uma média de 94 colméias, totalizando cerca de 150 mil unidades, sendo eles responsáveis pela produção de 4750 toneladas anuais, o equivalente a 60% de toda a produção apícola do Rio Grande do Sul. Com a criação do entreposto de mel, a produção poderá chegar a 10 mil toneladas em 2015.

Fonte: Central Sul de Jornais - Notícias - 06/12/2010 -

---

## **11 - Apicultura - Disposição das Colméias**

Com as abelhas africanas, vários foram os conceitos já modificados em relação a diversos problemas de manejo e instalações: - não usar estrados ou abrigos coletivos, para que as colméias não fiquem muito perto umas das outras; - usar estrados independentes para cada colméias, ou mesmo troncos, pedras, bases de cimento, etc., que as eleve 40 a 45cm do solo e as mantenham bem firmes e niveladas; - mantê-las, no mínimo, a 2m umas das outras ou 3m entre fileiras, quando for o caso, para evitar congestionamentos e facilitar sua identificação pelas abelhas.

Além disso, os movimentos e barulhos são percebidos pelas colméias vizinhas, cujas abelhas se irritam e podem atacar; - manter as linhas de vôo sempre livres evitando, inclusive, que a de um alvado prejudique a de outro; - evitar colméias com suas tábuas de pouso viradas umas para as outras; - fazer com que os alvados fiquem em direções ou sentidos opostos, com as colméias em filas paralelas, mas de costas umas para as outras, ou em ferradura, com os alvados para fora; - não

permitir obstáculos (cercas, árvores, etc.), pelo menos a 5m na frente da colméia, para não atrapalharem os milhares de vôos diários; - colocar alvados, de preferência, para o Norte, para receberem o sol pela manhã e à tarde, acordando as abelhas cedo para o trabalho e os secando mais rapidamente quando molhados pelo orvalho ou pela chuva; - colocar as colméias de costas para o vento Sul, muito frio e úmido.

Padronização do apiário - Só apresenta vantagens: facilidade nas compras, vendas, trocas, substituições e mesmo fabricação de todos os materiais e instalações, pois eles servirão para qualquer outra colméia ou apiário que use o mesmo material; permite a sua fabricação em série, barateando os produtos. Aconselhamos a colméia americana, pois sua padronização já é feita em todo o mundo.

Fonte: Rural News - Abelhas - 07/12/2010 -

---

## **12 - Saúde das abelhas: documento da Comissão salienta a necessidade de mais acções na UE**

A saúde das abelhas é uma questão que deve ser tida em conta, na medida em que as abelhas são importantes para a produção de mel e como polinizadores de plantas, como as árvores de fruto. Nos últimos anos, registou-se um aumento da mortalidade das abelhas em vários países por todo o mundo. Para compreender melhor as razões subjacentes à grande mortalidade das abelhas em todo o mundo, a Comissão Europeia definiu hoje as suas ideias sobre uma série de acções específicas. Até agora, os estudos científicos realizados não determinaram as causas exactas nem a extensão precisa do problema.

A Comissão já lançou algumas iniciativas tendentes a resolver as preocupações do sector da apicultura, estando previstas outras iniciativas. A apicultura é uma actividade amplamente desenvolvida na UE. Existem cerca de 700 000 apicultores na União, a maioria dos quais exerce a actividade como passatempo. O documento adoptado hoje contribuirá para os esforços tendentes a encontrar soluções para o problema.

O Comissário responsável pela Saúde e Defesa do Consumidor, John Dalli, declarou: «A protecção da saúde das abelhas assume grande importância na UE. A UE deve reforçar o enquadramento em vigor, no espírito do nosso princípio «Mais vale prevenir do que remediar» constante da Estratégia de Saúde Animal, bem como ajudar os Estados-Membros e os apicultores na sua tentativa de melhorar e tornar mais sustentável a saúde das abelhas». O Comissário concluiu: «A comunicação adoptada hoje aumentará a discussão sobre a saúde das abelhas com todas as partes interessadas e pode preparar o caminho para mais acções da UE.»

Lidar com a mortalidade das abelhas - A comunicação da Comissão esclarece as questões essenciais relacionadas com a saúde das abelhas e salienta as iniciativas que a Comissão lançou para resolver a questão, assim como as acções que já empreendeu.

A Comissão lançou, completou ou planeou as seguintes acções específicas que permitirão uma melhor compreensão da mortalidade das abelhas e, conseqüentemente, das várias medidas correctivas eventualmente necessárias:

- Designação de um Laboratório de referência da UE para a saúde das abelhas (ANSES - Sophia Antipolis – France);
- Um programa-piloto de vigilância para calcular a dimensão da mortalidade das abelhas;
- Uma revisão das regras de polícia sanitária da UE relativas às abelhas, em especial de elementos essenciais como definições gerais, princípios relativos a medidas de controlo das doenças e à circulação;
- Um reforço da utilização de documentos de orientação destinados a abordar

questões para as quais a legislação a nível da UE não seria adequada;

- Formação em matéria de saúde das abelhas para funcionários dos Estados-Membros, no âmbito da iniciativa «Melhor formação para uma maior segurança dos alimentos»; • Ter em conta a disponibilidade limitada de medicamentos veterinários para abelhas durante a revisão da legislação da UE em matéria de medicamentos veterinários;
- Aprovar pesticidas a nível da UE apenas se forem seguros para as abelhas; • Protecção das abelhas graças à resolução sobre a perda da biodiversidade; • Aumentar a contribuição da UE para o financiamento dos programas de apicultura nacionais em quase 25 % para o período de 2011-2013;
- Projectos de investigação para lidar com a saúde das abelhas e o declínio dos polinizadores selvagens e domesticados, incluindo colónias de abelhas na Europa; • Reforço da cooperação com organizações internacionais (por exemplo, Organização Mundial da Saúde Animal, OIE)

Próximas etapas - A comunicação deve servir de base para continuar as discussões com o Parlamento Europeu e o Conselho, bem como com as autoridades e partes interessadas dos Estados-Membros. Deve ainda contribuir para identificar eventuais novas acções necessárias a nível da UE.

Uma maior harmonização das medidas da UE que tenham em conta a proporcionalidade e a subsidiariedade desempenhará um papel essencial nestas considerações. As medidas também podem incluir iniciativas não legislativas destinadas a promover um nível de responsabilidade mais elevado e uma maior consciencialização entre os apicultores em relação às doenças das abelhas.

O problema - A saúde das abelhas é afectada por muitos e variados agentes patogénicos (bacterianos, virais, parasitários, etc.). Pouco se sabe sobre o papel que as doenças das abelhas desempenham no aumento da mortalidade das abelhas ou sobre a interacção entre os agentes patogénicos e outros factores, bem como sobre a forma como isto contribui para os efeitos nocivos na saúde das abelhas.

Outros factores que influenciam a saúde das abelhas são: práticas de apicultura; disponibilidade limitada de tratamentos médicos e do próprio ambiente. Os factores ambientais negativos a considerar incluem a utilização de pesticidas na agricultura, as alterações climáticas, a falta de alimentação e a perda de habitat.

O sector é composto por muitos tipos de apicultura diferentes (profissional ou passatempo, apiários fixos ou móveis, transumância). A saúde das abelhas e a tecnologia são significativamente diferentes quando comparadas com outros animais, como o gado bovino ou as aves de capoeira, dado que as abelhas vivem nas denominadas colónias e são mais estreitamente afectadas pelo seu ambiente natural. Diferentes regiões (clima, produção tradicional/local) e a distribuição de doenças também são factores que desempenham um papel na apicultura.

Todos estes elementos geram necessidades, abordagens, pontos de vista e práticas complexas e múltiplas.

Fonte: CE - Agroportal – Agronotícias - 07/12/2010 -

**DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL**

Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - andrades@seab.pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 – fax: 3313.4031 -  
www.seab.pr.gov.br